

QUALIDADE DA LÃ EM DIFERENTES REGIÕES CORPORAIS DE OVELHAS DA RAÇA CORRIEDALE

**FERNANDO AMARILHO SILVEIRA¹; JAQUELINE SCHNEIDER LEMES¹;
OTONIEL GETER LAUZ FERREIRA²**

¹Universidade Federal de Pelotas – amarillo@zootecnista.com.br

²Universidade Federal de Pelotas – ogfferreira@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A produção de lã no Rio Grande do Sul vem retomando importância e participação econômica dentro da propriedade rural. Frente a impasses entre produtores e frigoríficos, que dificultam a comercialização do produto cordeiro, e a crescente procura por produtos naturais, renováveis e biodegradáveis, com recursos que não se esgotam e não causam danos ao ambiente, a valorização do produto lã vem ganhando espaço.

Porém uma retomada ao investimento laneiro dentro da ovinocultura atual, demanda o conhecimento intrínseco de cada rebanho, uma vez que há grande heterogeneidade intra-racial, devido a cruzamentos desordenados, defasando anos de seleção para características de produção de lã.

Com isso criam-se demandas de atualização de estudos que eram realizados até a década de 90, sobre a produção e qualidade de lã. Porém, ainda não são encontradas novas metodologias para mensurar e classificar características da lã, levando em conta a atual desuniformidade dos rebanhos gaúchos.

O conceito de qualidade da lã envolve uma série de fatores inerentes à raça e ao manejo nutricional, reprodutivo, genético e sanitário, sendo o resultado destes observado na esquila. Qualquer lã, como matéria prima têxtil, tem um determinado uso industrial, e seus defeitos podem limitar sensivelmente sua utilidade ou encarecer de forma exagerada seus custos para colocá-la em condições a ser manufaturada (OLIVEIRA, 1980).

Fatores como falta de densidade, suavidade, elasticidade, carácter, comprimento de mechas e diminuição da capacidade higroscópica podem submeter ou ser consequência de defeitos. Um velo com pouca densidade além de produzir menor quantidade de lã, expõe as mechas ao rigor do ambiente, como umidade, radiação, calor, proliferação de patógenos, consecutivamente diminuindo a capacidade produtiva e afetando as características (suavidade, elasticidade, carácter e higroscopia). O comprimento de mecha também é outro fator de suma importância, tanto de forma econômica (quanto maior a mecha, maior peso de velo) como pela maior facilidade de secagem mediante a aeração. Um velo com maior comprimento de mecha terá uma menor curvatura, logo ostentará melhor arquitetura deste mesmo (BARZOLA, 2009).

Diante esses fatores, objetivou-se avaliar as características de qualidade da lã em diferentes regiões corporais de ovelhas da raça Corriedale.

2. METODOLOGIA

O experimento foi conduzido no Laboratório de lãs do Departamento de Zootecnia da Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel, Universidade Federal de

Pelotas, Capão do Leão, RS, utilizando-se 90 amostras de lã oriundas de 30 ovelhas da raça Corriedale.

Em 17 de junho de 2014 foram coletadas amostras de aproximadamente 50 g de lã em três regiões do velo (Figura 1), a saber: Espádua, costilhar e coxa. Todas amostras foram retiradas do lado esquerdo dos animais, uma vez que ruminantes têm hábito de se deitar sobre o lado oposto do rúmen, caracterizando o lado direito como ostentador de maiores impurezas na lã (PINTO DE ANDRADE et al., 1999).



Figura 1 – Regiões de amostragens do velo.

As amostras foram submetidas às seguintes análises para estimar a qualidade da lã: suavidade, elasticidade e capacidade de retenção de água.

Para estimativa de suavidade, as amostras, após passarem pelo processo de lavagem, foram submetidas ao tato do avaliador. Foram atribuídos escores de 1 a 5, com intervalos de 0,5, em que 1 é uma lã muito suave, onde ao se passar a mão ao longo da fibra, no sentido base-ponta, não se encontra nenhuma resistência ao fluxo do toque, e 5 é uma lã muito áspera, sem presença de suavidade, em que o fluxo do toque encontra resistência por conta da fibra.

A elasticidade foi aferida com base na denominação da RED TEXTIL (2013), que caracteriza essa propriedade como sendo a capacidade de se estirar a fibra até mais de 50% do seu comprimento original (longitude relativa) e após estirada até o desaparecimento total das ondulações (longitude absoluta), retornar a valores próximos da longitude relativa. Com isso obteve-se o valor longitudinal de uma mecha de fibras com aproximadamente 3mm de largura e 0,8mm de profundidade que foi estirada até completo desaparecimento das ondulações. Após a fibra retomar seu comprimento original, mediu-se novamente o comprimento, e calculou-se a em porcentagem (%) o quanto a fibra retornou ao seu valor longínquo original ($\text{Elast \%} = \frac{\text{comprimento original}}{\text{comprimento pós estirar-se}} \times 100$).

A capacidade de retenção de água foi aferida por duas metodologias. Para tal, amostras de lã lavadas e secas em estufa de ar forçado a 55 °C até peso constante, foram divididas em duas sub-amostras. Após pesadas, uma das amostras foi submergida em água por cinco minutos, enquanto a outra por quinze minutos. Depois de retiradas dos recipientes, foram pressionadas até que cessasse o gotejamento, quando foram novamente pesadas. Após, os valores obtidos em ambas amostras foram inseridos na fórmula: $\text{CRA \%} = \frac{\text{Peso da amostra seca}}{\text{peso da amostra após gotejamento}} \times 100$.

Os valores das variáveis obtidos nas diferentes regiões corporais foram comparados pelo teste de Tukey ao nível de 5% de probabilidade, utilizando-se o pacote estatístico SAS 9.0.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao se comparar a suavidade entre as diferentes regiões corporais, verificou-se maior suavidade na espádua e na coxa, não havendo diferenças entre esta última e o costilhar (Tabela 1). Este resultado vai ao encontro de AGUIRRE (2007), segundo o qual, a espádua ostenta um velo de melhor qualidade, devido a melhor irrigação sanguínea comparada ao costilhar.

O resultado obtido mostra ainda a pureza racial deste rebanho, no qual a coxa, classificada como região de velo de menor qualidade, não se mostrou diferente da espádua em suavidade. VIEIRA (1965) classifica a região da coxa como um indicador de degeneração racial, quando encontrada lã de baixa qualidade comparada às demais regiões do velo.

Tabela 1 – Suavidade e elasticidade da lã de diferentes regiões corporais de uma ovelha Corriedale.

Região	Suavidade	Elasticidade
Espádua	2,66b	93,82
Costilhar	3,10a	91,17
Coxa	2,95ab	90,21
CV(%)	19,71	5,90

*Médias seguidas de diferentes letras na coluna, diferem estatisticamente pelo teste Tukey ($p < 0,05$).

Para elasticidade, não foi encontrada diferença estatística dentre as regiões avaliadas, demonstrando a homogeneidade da lã destes animais. Essa característica está fortemente ligada à qualidade do fiado (ALIAGA, 2006), assim esses animais provavelmente apresentam velos mais uniformes, logo facilitando essa operação.

Para a capacidade de retenção de água, não foram observadas diferenças significativas entre as lãs provenientes das diferentes regiões corporais (Tabela 2) quando submersas em água até 15 minutos. Conforme descrito pela IWTO (2013), a lã possui a característica de absorver até 30% da umidade do ar sem apresentar-se molhada, logo se constata que o tempo e a região de exposição não influenciam na capacidade de retenção de água, onde quanto maior for essa capacidade maior será a privação, por exemplo, da chuva e frio frente à pele do animal, assim agindo como um protetor físico (GEA, 2007).

Tabela 2 – Capacidade de retenção de água da lã de diferentes regiões corporais de uma ovelha Corriedale

Tempo de submersão em H ₂ O	5 min	15 min	CV(%)
Espádua	43,85	45,42	17,26
Costilhar	47,24	44,50	25,34
Coxa	45,75	44,43	12,09
CV(%)	18,24	17,06	

*Médias seguidas de diferentes letras minúsculas na coluna e maiúsculas na linha, diferem estatisticamente pelo teste Tukey ($p < 0,05$).

4. CONCLUSÕES

Lãs provenientes da espádua possuem maior suavidade que aquelas provenientes da coxa.

Não há diferenças de elasticidade e capacidade de retenção de água entre as lãs provenientes da espádua, do costilhar e da coxa, todavia outros trabalhos devem ser conduzidos com objetivo de melhor entender essas características de qualidade da lã.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIRRE, A. **Porcentaje de Pedaceria**. Secretaria de Agricultura, Ganadería, Pesca y Alimentos. PROLANA Argentina- Chubut, 2007.

ALIAGA, J. **Producción de Ovinos**. Universidad Nacional Agraria La Molina. Lima-Perú. P. 420, 2006.

BARZOLA, J. C. G. Evaluación del Método de Clasificación del Vellón de Ovino Corriedale (*Ovis Aries*) en la S.A.I.S Pachacutec. **Tese**. Universidad Nacional Agraria la Molina. p. 67, 2009.

GEA, G. Ganado Lanar. **El ganado lanar en la Argentina**. – 2ª ed. – Río Cuarto, Córdoba. Universidad Nacional de Río Cuarto, p. 280, 2007.

IWTO - International Wool Textile Organization [2013]. Disponível: <<http://www.iwto.org/wool/history-of-wool/>> Acessado em: 30 de maio de 2013.

OLIVEIRA, N. R. M. Considerações sobre características da lã, desde do ponto de vista de produção e industrialização. **Circular técnica**. EMBRAPA/UEPAE, n. 3, p.1-15, 1980.

PINTO DE ANDRADE, L.; RODRIGUES, A. M.; VARZEA RODRIGUES, J.; REBELO DE ANDRADE, C.; ESTEVES, M. L. Caracterização da qualidade da fibra lanar de um efectivo Merino Branco. In: Jornadas “Ovelhas de Raça Merina”, **Sociedade Portuguesa de Ovinotecnia e Caprinotecnia**, Portoalegre, p. 8, 1999.

RED TEXTIL Argentina [2013]. **Propiedades Físico-Químicas de la Lana**. Disponível: <<http://www.redtextilargentina.com.ar/index.php/component/content/article/103.html>> Acessado em 31 de maio de 2013.

VIEIRA, G. V. N. **Criação de ovinos**. Edições melhoramento, Porto Alegre, n. 3, p. 480, 1965.